



Gaiato



Quinzenário • 30 de Maio de 1992 • Ano XLIX — N.º 1258 — Preço 30\$00 IVA incluído

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

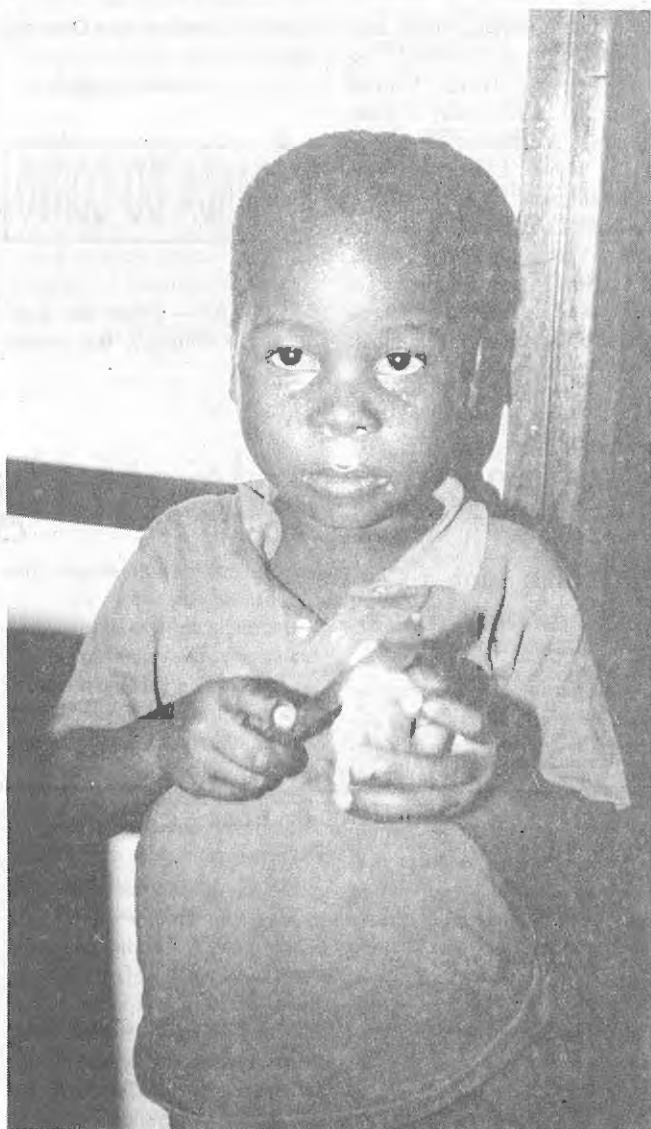
Cada Paróquia cuide dos seus Pobres

Uma sugestão várias vezes feita por Pai Américo

O mote, hoje, vem de uma paróquia à-beira-Douro e recorda-me a sugestão várias vezes feita por Pai Américo de se aproveitar a *visita pascal* para um «recenseamento» da população em termos de necessidades básicas, nomeadamente a habitação. Eis a sugestão tomada e posta em acto por este padre, conforme no-lo revela a sua carta:

«Em tempo pascal — e com o *Compasso* — é-me dado ver situações que 'clamam ao Céu'. Nesta Páscoa e numa das paróquias que sirvo — são três — pude atender dois jovens casais (um já com um filho) que anseiam por ter 'duas telhas'. Após o encontro, e em silêncio, lembrei-me de bater à vossa porta. Já em tempos me socorreram na ajuda a alguns casais pobres. Nesse sentido venho solicitar os vossos bons ofícios no sentido de me ajudarem a dar satisfação a esses dois casais: terem uma casa.»

É claro que uma tal *visita pascal* pede a presença do pároco ou,
Continua na página 4



O «Milagre», de Maputo, até sua!

Moçambique

Estamos largados na aventura

Estamos largados na aventura. Não da temeridade, mas da Fé. Sabemos a Quem servimos.

Já temos trinta e um gaiatos. A primeira intenção foi recolher os que dormiam na baixa da cidade e não tinham ninguém porque a família foi destruída pela guerra. Depois veio a aflição de acolher os mais pequeninos, vítimas da violência dos mais velhos que brutalmente lhes apanham quanto angariam a pedir. De lado fica a legião dos que têm família, a quem nunca damos nada para contrariar o costume a toda gente. São nossos amigos e intercedem pelos outros. Há dias, até bateram num que foi daqui com saudades da rua e fizeram-no voltar logo!

Ultimamente estamos trazendo alguns da faixa dos catorze anos que assediam sempre que o carro pára no mercado. Estão esclarecidos de que na nossa Casa se trabalha nas obras, na cozinha, na limpeza e se vai à escola. Insistem. Veio o Ananias; tem-se portado bem começando logo a trabalhar. O nosso receio é que passem a grupo de mais velhos que se organizam para o roubo e a partir daí constituam um

perigo em nossa Casa e uma preocupação constante. Quanto a roubos, até hoje, nada. Graças a Deus! Sabemos muito por experiência, quanto isso é doloroso em nossas Casas. E quanto custa lágrimas e sofrimento ao que quer libertar-se, o que só acontece quase na idade adulta ou nunca. Quando todo o mundo afasta uma criança da rua ou a despacha com uma esmola, os que têm vindo, a quem nunca demos nada enquanto na rua, até tem acontecido entregarem espontaneamente o que trazem. Isto anima-nos a andar mais depressa, embora com cautela.

Onde instalar esta gente toda tem sido um trabalho grande! O Centro de Apoio da Massaca — para já nossas instalações — é pequeno. Estamos a construir mais duas salas e casa de banho, adequadas às nossas necessidades e ao futuro uso como escola.

Ainda não chegou a hora de reabilitar as instalações que nos foram doadas e vão exigir muito — sobretudo a Paz. Temos andado por aqui e por ali com projectos na mão e uma grande ânsia no espírito, para que as nossas propostas tenham êxito. Só quando Deus quiser.

Padre José Maria

Ecos d'África

Vamos para Benguela

Quando os *Ecos* de hoje chegarem até vós, já estaremos em Angola, se Deus quiser. Vamos para ficar. Benguela será o poiso do pequenino grupo constituído pela Teresa, Benjamim, Aurora e eu. Mais tarde, no fim do ano lectivo, juntar-se-nos-ão o Ricardo e João Carlos, seu irmão, os dois garotos que descobri, um dia, num bairro de latas do Monte Estoril e, agora, transformados em obreiros da «nova» Casa do Gaiato de Benguela, juntamente com o Zé d'Angola. A partida está marcada para o dia 25 de Maio corrente.

Há 29 anos — completar-se-ão em Novembro próximo — seguimos, pela primeira vez, o mesmo caminho. As razões que, então, levaram a Obra da Rua a estender seus braços a Angola, são, agora, ainda mais fortes. Os meios de comunicação social vão levantando o véu à sua maneira, acerca da situação social que lá existe. Conheçemo-la por experiência.

Por imperativo de consciência a Obra da Rua decidiu relançar a sua actividade em África, através das Casas do Gaiato de Malanje e Benguela, em Angola e Casa do Gaiato de Maputo, em Moçambique.

Sabemos que somos pequeninos para enfrentar problemas tão grandes. É o caos social que está diante de nós. Queremos ser um pouquinho de sal e outro tanto de luz sobre o alqueire. Mais nada. Queremos partilhar a nossa pobreza de meios humanos com a miséria de quem nada tem e faz parte da nossa herança também.

Vamos, sim, com muita alegria. Estes tempos de preparação próxima têm revelado a força do ideal comum a todos os membros do grupo. Não levamos connosco outras armas além da disponibilidade dos servos que sabem que vão cumprir o seu dever: mostrar com sinais e palavras que Deus está com o povo de Angola e seus filhos. A revelação do Amor de Deus aos Pobres e, por eles, a todas as pessoas, é a razão última da vida da Obra da Rua e dos seus agentes. Por isso vamos!

Uma multidão de amigos vai connosco

E a multidão de amigos que vai connosco?! «Tenho acompanhado com entusiasmo inteiro a vossa caminhada. Ultimamente, o regresso a África. Bem hajam. Que Deus vos abençoe pelo tes-

temunho de entrega que vindes dando. Se nós, cristãos, quiséssemos, de facto, virávamos o mundo.» São mensagens ricas, porque nascem da consciência recta, bem formada e justa. Normalmente trazem, como sinal, a partilha dos bens materiais.

«Com o pensamento de tudo o que venho lendo no jornal O GAIATO acerca das Obras em Angola e Moçambique, venho remeter esta pequena importância com o desejo veemente de colaborar.»

Um dos aspectos lindos deste caminhar em comum para África é a reconciliação de muitos com o passado que os fez sofrer e lhes marcou a vida com a indiferença e azedume. Com o regresso da Obra da Rua às Casas do Gaiato dá-se a reconciliação e surge a colaboração.

«Quando leio a coluna d'África em O GAIATO fico maravilhada. Que Deus ajude a todos os que de alma e coração trabalham para esse fim.» E o entusiasmo cresce quando é um africano que conheceu as Casas do Gaiato lá: «...É mais uma migalha da minha pequena reforma, para Malanje, minha terra natal. Bem hajam por terem voltado a Angola! Glória a Deus por isto!» Mais: «Leio
Continua na página 4

Conferência de Paço de Sousa

PROBLEMAS SOCIAIS — Quando topamos um Pobre com papéis na mão, de duas uma: ou é receituário ou é burocracia da Segurança Social.

Num ou outro aspecto, não são apenas os visitados regularmente por vicentinos e vicentinas, mas, também, casos pontuais cujas carências urgem e eles sabem que estamos para servir — na medida do possível.

No que toca à papelada, as dores dos Pobres reflectem o índice de analfabetismo que perdura: «Se, naquele tempo, tivesse ido prá escola...!» «A gente andava de manhã à noute no campo, sem tempo prós livros...» Outros lamentam-se ou choram doutras formas bem típicas do povo. Quem dera que a sua vivência e testemunho ferissem o ouvido dos cábulas! No entanto, pelo que lemos, o que por aqui se passa, acontece nos mais importantes países do mundo!

Quanto à assistência medicamentosa, no caso específico dos Indigentes ou beneficiários da *penção social*, como podem tratar os seus problemas de saúde, especialmente os crónicos!? Excepto para alguns males, os departamentos de saúde pública estão mais para recetar do que para fornecer os indispensáveis remédios a doentes ambulatórios vítimas de pobreza absoluta. Por isso, suprimos muitas necessidades.

PARTILHA — Da assinante 53324, de Aveiro, cinco mil escudos «para a Conferência de Paço de Sousa, destinados à família que lançou um SOS para voltar a receber os abonos de família». Curiosamente, registou na carta amiga: «Domingo do Bom Pastor/92».

Mais cinco mil, da assinante 14493, do Porto, quota referente ao corrente mês de Maio.

«Avó de Sintra» manda mil, «com um abraço amigo, para a família do costume». Este amor perseverante — por aqueles que, tantas vezes!, vivem marginalizados — são lições que a gente colhe dia-a-dia, dos nossos Leitores!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Na medida do possível, procuramos resolver, a prazo, um caso aflitivo: Pagar a dívida dum família com milhentos problemas. São dezenas de contos! De um lado, sobressai a excessiva confiança do merceeiro; do outro, a miséria limpa — diria Pai Américo. Não estamos sós! Há vicentinas activas em comunhão conosco. Damos as mãos — e abrimos caminho aos Pobres!

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

PISCINA — Aproxima-se a época balnear e a malta está ansiosa que comecem as banhoas na piscina. O Lupricínio (responsável) já a encheu de água; agora só falta aspirar alguns resíduos, no fundo, e lançar um

Pelas CASAS DO GAIATO

produto para desinfecção a água e preparar os balneários.

Muitos amigos que nos vêm visitar pensam que a piscina é pública, mas não, ela é só nossa, por isso é preciso ordem para a visitar. Temos ficado por vezes um pouco tristes, quando alguns visitantes saltam o portão... Tem que haver respeito no que é dos outros. Obrigado!

EXCURSÕES — Normalmente, durante esta época, são muitas e a maior parte de jovens e crianças.

Mas, há dias, veio uma de Avanca e partilhou a sua merenda com a comunidade. Uma merenda abundante!

Disputámos um jogo de futebol com elementos desta excursão e vencemos por 9-0.

MAIS FUTEBOL — No domingo (dia 10), veio um grupo dos arredores de Penafiel. Formaram o seu plantel e disputaram um jogo com a nossa equipa. Ganhámos por 6-1.

O nosso grupo está de parabéns!

Paulo Alexandre («Rambo»)

Cooperativa de Habitação

BUROCRACIA — Continua a ser a nossa grande dor de cabeça e, o que é de lamentar, surge de entidades que deviam ser os primeiros a dar-nos as mãos.

Ainda não conseguimos completar um processo que se arrasta há cerca de dois anos. É muito tempo para a paciência de um ser humano! Não estamos a construir um palacete com piscinas e relvados, mas habitações de carácter social que, embora sejam uma gota de água no oceano, vão ajudar o País a resolver o grave problema da Habitação. Este tipo de iniciativas deviam ser apoiadas e não dificultadas.

Não estamos a construir casas com fins lucrativos, pois se fosse esse o objectivo não estaríamos com uma campanha de selos usados e angariação de fundos.

Meus senhores, deixem-nos andar para a frente e não queiram quebrar o entusiasmo desta meia dúzia de antigos gaiatos que se entregaram de alma e coração a uma causa em prol dos que precisam da nossa e vossa ajuda.

OFERTAS — Isabel, Vila do Conde, 100.000\$00; Maria Aurora, Monte da Caparica, 10.000\$00; Montserrat Ferré, Lisboa, 5.000\$00; Francisco Mendes, Lisboa, 10.000\$00 «para umas telhas ou sacos de cimento»; Padre António Cruz, Canadá, 300 dólares; Elvira Jesus, Lisboa, 15.000\$00; Manuel Fernando, Estoril, 5.000\$00; Julieta Leitão, Porto, 4.000\$00 «para a Cooperativa dos nossos gaiatos»; Lídia Silva, Lisboa, 50.000\$00.

SELOS USADOS — Do Manuel «Côco» recebemos um cheque de 10.000\$00 resultante da venda de selos usados que os nossos amigos têm enviado.

Chegaram mais selos: Senhora, do Porto; cheque de 1.500\$00

de Maria Adelaide, Viseu; assinante 20174, de Coimbra; Custódia Neves, Torres Vedras; Deonilde, Grândola; Lurdes Santos, Alemanha; Francisco Dias, Lisboa; Luís Filipe, Lisboa; entregas no Ar Líquido e Maison Louvre; Silvina, Cascais; Maria Custódia, Porto, 1.000\$00 e selos; João Evangelista, Aveiro; Maria, Viana do Castelo; Alda Jorge, Pombal;

Delfina, Coimbra. Que Deus vos ajude.

Carlos Gonçalves

MIRANDA DO CORVO

VISITAS — Temos tido algumas. No domingo, um grande

Associações de Antigos Gaiatos

O Irmão mais próximo do Próximo.

Não parámos após a reunião de Direcções, ocorrida em Miranda do Corvo (e da qual já demos conta n'O GAIATO) no intuito de — como dissemos — se encontrar um caminho comum com as demais Associações; mas, sobretudo, para se tentar imprimir à Associação uma nova dinâmica que, obviamente, não teve até agora.

É verdade que demos alguns passos, que se revelam incipientes, hesitantes... Próprios de quem começa.

Agora, porém, uma nova fase se aproxima já, mais adulta e exigente, mais experiente e madura.

Brevemente, será eleito um novo elenco directivo, pois cessa o mandato dos actuais órgãos sociais e urge dar à Associação um novo dinamismo, capaz de melhor corresponder aos grandes objectivos: Solidariedade entre

todos e estreita colaboração com a Obra da Rua.

Já realizámos mais três reuniões e outras se realizarão ainda até ao Grande Encontro/Convívio Anual que será, não em 28 de Junho como inicialmente esteve previsto, mas uma semana antes: 21 de Junho próximo. Voltaremos a falar dele e respectivo programa.

As reuniões foram sendo alargadas a um maior número de participantes; e, sem nos querermos lastimar, desejaríamos que as adesões ou «respostas à chamada» fossem mais numerosas. Apesar de tudo, o absentismo continua a ser grande; mas, o entusiasmo e a persistência de alguns teima em ser maior. O importante contributo dado à Associação pelas esposas dos associados — também muitas delas associadas de pleno direito e em paridade com os maridos — tem sido revalorizado e reconhecido. É desejável que, futuramente e cada vez mais, tenham um papel de maior relevo no

grupo de famílias de Leiria. O ano passado vieram os filhos. Este ano, os pais em dois autocarros.

Quando chegaram, celebrámos a Missa e depois fomos almoçar para o «parque da nespereira grande». Ofereceram-nos almoço e eram tudo coisas muito boas. Todos nos consolámos!

De tarde, reunimo-nos no salão, cantámos algumas canções e outros números que apareceram. Deixaram ainda uma saca com dinheiro. Gostámos muito deste grupo de Amigos. Venham mais vezes e venham outros também.

AGRICULTURA — Semeámos o milho na «terra dos grilos». Depois, também o lameiro. Na «terra dos gaiatos» semeámos feijão.

Tivemos de regar as terras antes de semear. Foi muito trabalho!

Já cortámos a erva lameira e recolhemos a semente. O palheiro grande está cheio. As vacas leiteiras têm razão para estar contentes e esperamos que dêem muito bom leite.

Agora esperamos a chuva para semear as terras de «tio Jaime». Deus mande a chuva!

Frederico

nosso movimento associativo; não para o subverter, mas para o enriquecer.

Temos que começar a pensar mais em termos qualitativos do que quantitativos. Mais importante do que saber quantos somos, é saber quem somos, como vivemos, o que queremos. Se ter «personalidade jurídica» é importante, não menos importante será ter «personalidade moral» que se adquire pela nossa identidade com os princípios que herdámos de Pai Américo. Esta perspectiva anima-nos e faz antever o futuro da Associação como algo sublime — se nós quisermos. O campo é vastíssimo! O caminho a percorrer infundo e «estrito»...

Se o grande objectivo de Pai Américo «é fazer de cada Rapaz um Homem», e Homem de Bem, necessariamente, o objectivo primeiro da Associação deverá ser: *Fazer de cada Associado um Irmão, um Irmão próximo do seu Próximo.*

Carlos Manuel Trindade

NORTE

ELEIÇÕES — Realizou-se, em 28 de Março, a Assembleia Geral que tinha por finalidade a eleição dos nossos corpos directivos para o biénio de 1992/94 e também a apreciação de contas e das actividades levadas a cabo pela Direcção cessante.

Os sócios presentes aprovaram por unanimidade as contas e deram um voto de louvor à Direcção pelo empenho que sempre manifestou através das suas actividades, que tiveram por objectivo o engrandecimento da Associação.

Os novos corpos directivos eleitos são os seguintes:

DIRECÇÃO — Presidente, Fernando Marques; Vice-Presidentes, Jose Alves de Jesus



A construção das moradias da Cooperativa está no fim!



e António da Silva Teles; Secretário, Lourenço Martins; Tesoureiro, Valdemar Soares; e Vogais, Joaquim Pereira Mendes e Manuel Pinto.

ASSEMBLEIA GERAL — Presidente, José Lemos; Secretários, João Luciano e Fernando da Rocha Dias.

CONSELHO FISCAL — Presidente, José Eduardo Lopes; Secretário, António Filomeno Gonçalves; e Vogal, Adriano Mota.

CONVÍVIO EM PAÇO DE SOUSA — Começaram os preparativos do Convívio dos Antigos Gaiatos que anualmente se realiza em Paço de Sousa. Data escolhida: 19 de Julho próximo. A seu tempo diremos o programa.

Esperamos que, nesse dia, todos estejam presentes para testemunharmos aos Pais da Rua o nosso incondicional apoio e a nossa continuada gratidão à Casa do Gaiato.

Nesse dia comemoramos mais um ano da *passagem* do nosso Pai Américo, facto esse que só por si nos obrigará a estarmos presentes. *Não faltes!*

BOA NOTÍCIA — Todos os anos a «malta» de Paço de Sousa faz as suas férias na Praia de Azurara em moradia que a Casa do Gaiato af possui. Férias de praia bem merecidas.

No entanto, sabemos que muitos dos antigos gaiatos não têm possibilidade de mandar os filhos ou netos para a praia, por falta de recursos.

Mais uma vez a Obra da Rua compreendeu que esses pequeninos *também são seus filhos*. Por isso oferece-lhes a possibilidade de poderem anualmente fazer um período de férias de mar na casa da Azurara. Boa notícia! Estamos certos encherá de contentamente toda a petizada.

Assim, antigos gaiatos que tenham filhos ou netos e que lhes interesse usufruir destas férias escrevam para a Rua D. João IV 682 — 4000 Porto ou para qualquer informação pelo telefone 819951 — Fernando Marques.

Mandem já as vossas inscrições: nomes, idades dos miúdos. Não esqueçam de mandar os vossos números de telefone para qualquer contacto mais rápido. Tudo isto, para ver se ainda, este ano, poderemos usar deste bem que a Obra da Rua põe à nossa disposição. Tudo depende da quantidade de inscrições e da disponibilidade de lugares.

PASSEIO ANUAL — Vamos também fazer o nosso habitual Passeio Anual, marcado para 28 de Junho. Partida às 7,30 horas do Lar do Porto, Rua D. João IV, 682, Porto, em camioneta, com destino à Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, onde assistiremos à Missa, seguindo depois para o monte da Senhora da Piedade, na Lousã, onde almoçaremos com o farnel que cada um entenda levar. O nosso Padre Horácio irá connosco e almoçará daquilo que levamos. Estaremos com as cartas que lhe oferecemos e jogaremos com ele umas boas suecadas.

O passeio será agradável, não só por voltarmos a rever a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, berço da Obra da Rua e menina dos olhos de Pai Américo,

como também o aliciente itinerário à Senhora da Piedade.

As inscrições são consideradas por ordem de entrada, podendo serem consideradas as inscrições de filhos e esposas dos antigos gaiatos. Não demorem os pedidos, porquanto a lotação da camioneta é só de 50 lugares. Para qualquer informação contactem Fernando Marques, telef. 819951, ou escrevam para o Lar do Porto, Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto. Inscrições sujeitas a confirmação.

UM APELO — O nosso companheiro Armando está desempregado. Tem cerca de 50 anos e algumas limitações de ordem física, mas é um homem operacional e de muita utilidade, especialmente no ramo do fabrico de confecções — pronto-a-vestir. Haverá algum leitor d'O GAIATO que possa dar-lhe ocupação para sua subsistência e da própria família?

Qualquer outra ocupação será boa para ele ganhar o seu pão: porteiro, contínuo, etc.

Fernando Marques

MALANJE

• Ao romper da manhã, tudo parecia mais belo e mais claro. Um sol brilhante espreitava por entre os cafeeiros que mais pareciam fios de prata. O nosso Padre Telmo, pensativo e desolado, olha em redor para uma aldeia que não era a sua. Eu, porém, reparando na sua tristeza, disse: — Podia ser pior! Admirado com esta expressão, fita-me olhos e diz: — *Vamos ao trabalho...*

Ao ver os que me rodeavam, pensei: — Como pode este povo trabalhar com barrigas de fome, umbigos salientes, olhos bugalhudos e rostos franzinos? Não há tempo a perder! Os postes de alta-tensão no chão, sem isoladores; rede de baixa-tensão, idem; cabina inoperável. Era realmente desanimador!

Padre Telmo fora a Luanda com destino a Benguela para se encontrar com os responsáveis da Educação, e esperar o Quim e D. Guiomar.

A casinhota foi destruída porque somos a porta aberta. Pelo fim da tarde aparece o carro do nosso Jorge, trazendo Quim e D. Guiomar. Os seus ocupantes quiseram sair. De novo, abraços e saudades. A curiosidade nos olhares atentos e cautelosos, era o rejuvenescer da obra que os esperava. A hora do recolher esperava-os, não fôssemos ter alguma surpresa.

Um novo dia desponta. Quim não tinha mãos a medir. Fita na mão, começa de buraco em buraco a medir. Agora, sim, abanando a cabeça e batendo o pé, enfia a bata, calções e sandálias, e aí vai. Muito a seu jeito, ordena ferramentas e arranca para a tarefa que se propôs.

A chegada dos contentores foi uma alegria! Joãozinho, esposa, Paulo Jorge, Malazar e outros, deram uma ajuda na arrumação. Materiais de construção, mesas, bancos, camas, roupas e mercearia, foram postos em quartos com portas de pau a pique, à mercê da sorte. Soldados acantonados, guardas da prisão num

dos nossos armazéns, entravam e saíam, não resistindo às belas mangas e goiabas, ainda por criar, na fazenda. Antigos operários, como Nascimento, Pascoal, Mota, Joaquim pintor, começaram nos rebocos e pinturas. Kinvula e outros, na plantação de mandioca, batata doce, feijão, viveiros de cebola e tronchudas. Assim começou a nova vida na Casa do Gaiato de Malanje.

• «A casa é dos meninos.» Como é belo ouvir esta expressão de amor e carinho dirigida a um povo!

Numa tarde de azáfama levanta-se burburinho. Populares invadem a casa. Que se passa? O nosso Paulo Jorge, ao entrar na fazenda com o tractor, não dá conta de um IFA carregado de populares, obrigando a desviá-lo para o eucaliptal despojando alguns passageiros. Mortos e feridos não houve. O susto foi suficiente para alguns sopapos num professor que por ali passava, pensando que era o tractorista, ao mesmo tempo que pontapeavam a chaparia do tractor, numa atitude de justiça espontânea e desenfreada. Exaltados, põem primeiro à prova o ajuste de contas e só depois as razões. Junto dos populares, ouviam-se frases menos dignas. Padre Telmo, que se encontrava na recuperação da lagoa, cansado de ouvir gritaria, aproxima-se. Perguntam: — *É V. que manda? Isto é seu?* Numa calma inconfundível, responde: — *Sim; sou o responsável por esta casa. É dos meninos.* Explica a razão da nossa presença e o fim a que se destina. Ainda um pouco exaltados, as razões postas pelo nosso Padre Telmo foram suficientes para nos deixarem. Horas difíceis em que todos temos de dar as mãos.

A espiga de milho e mandioca assada fazem parte da alimentação dos nossos operários. Exigir melhor rendimento não é possível, humanamente. Reunimos os trabalhadores e falou-se da necessidade de melhor alimentação. Ouviram e ficaram contentes. Os vencimentos já estavam para além da lei em vigor. É pago o justo salário.

Agostinho é zaireense. Os seus traços definem uma linha de postura e de confiança. Conhecido do nosso Padre Cristóvão, através de correspondência com um pároco em Luanda, manifesta desejo de servir as Missões e frequentar o Seminário. Tem alguns estudos. A sua idade é êntrave para um sonho que há muito persiste. Padre Telmo toma conhecimento do problema, em Luanda. Faz perguntas e mais perguntas. Promete pensar no assunto. Noutra viagem, trouxe o Agostinho para uma experiência. É hoje um homem realizado. O braço direito do nosso Padre Telmo.

Júlio da Silva

TOJAL

Festas

31 de Maio, domingo, 15,30h, Salão Paroquial da **Benedita**.

7 de Junho, domingo, 15,30h, Salão Paroquial da **Amadora**.

SETÚBAL

Pobres

Em destroços de casas é vulgar encontrarmos também destroços de famílias. Uma família pobre tem hoje muita dificuldade em pagar uma renda ou juro de uma habitação adquirida. Uma família pobre e devastada só em destroços poderá vegetar.

Na cidade as dificuldades parecem intransponíveis e a gente fica esmagado pelas circunstâncias!

Apetece-me gritar!... Gritar os erros e os pecados humanos. Berrar a indiferença, a frieza e a vaidade de tantas vidas vazias que estoíram o dinheiro e os valores humanos em actividades de prazer que as destroe. Ralhar com tantas acções e realizações religiosas integristas que em vez de levarem os cristãos à comunhão com os Pobres, os colocam, antes, longe deles e dos seus compromissos humanos, dando razão ao que os materialistas chamam ópio.

Parece que o homem sentindo a verdadeira necessidade da comunhão, procura de balde satisfazê-la falando dela em toda a parte e a propósito de tudo.

A sede da comunhão só se mata comungando. Comungar com a vida dos Pobres é a gente meter-se nela, sofrer com ela e fazer tudo quanto pudermos para a melhorar. Falar da comunhão sem a realizar é querer matar a sede com água salgada.

Tentar a comunhão com Cristo sem os Pobres é criar um Cristo sem cruz e sem Evangelho. Querer evangelizar assim é esgrimir contra moinhos de vento. Toda a história da evangelização confirma que só pelos Pobres se chega aos pobres e aos ricos.

Levado pela mão de uma jovem vicentina fui visitar duas famílias de uma paróquia da cidade.

Verdadeiros antros onde se alojam. Três divisões interiores sem qualquer respiração além da porta de entrada. As paredes divisórias, ainda de taipa a desfazerem-se com o salitre. Sem luz porque não se pode fazer a instalação eléctrica. Sem casa de banho e sem água. Uma inundície de fugir.

Arrisca e vem!

Àquela hora, passava eu, de mansinho, junto ao quarto da casa-mãe, cheio de meninos, espreitando o sono.

Ia a caminho do escritório. Deito os olhos, regalado. Aperceberam-se e houve reboço. — Falta alguma coisa?, perguntei a mim mesmo. Sim! Falta alguém. Mãe Isaura ainda não tinha subido. O desvelo do Evélfisio, chefe da casa-mãe, só, não chega.

Que vontade de serem beijados, àquela hora! Estava na

PARTILHA

cara deles. Faltava alguma coisa!: Um jeito, um olhar sereno — aquele que só as mães possuem, misteriosamente. Uma gotinha de água pura no cântaro soando a oco pela vida fora.

Tinha sido, neste dia, o Domingo do Bom Pastor. Em toda a Igreja, o Dia Mundial de Oração pelas Vocações.

UMA CARTA

«Este cheque é o fruto das renúncias quaresmais das crianças do 5º volume do Centro Social, no qual sou catequista responsável. A ideia surgiu durante a Quaresma e representa todos os pequenos sacrifícios que crianças e catequistas foram capazes de fazer. Talvez para a próxima consigamos mais, mas temos sempre de começar pelos passos pequenos, pois é de migalhas que o Amor é feito! Decidimos, então, atribuir esta pequenina soma a vocês, para as crianças, tendo a certeza que sabereis fazer render da melhor forma a pequena quantidade de dinheiro que enviamos.

Deus vos ajude, e atrevo-me a pedir que se lembrem sempre das nossas crianças nas vossas preces, pois elas em breve farão a Profissão de Fé e não queria que se esquecessem como Deus ensinou a partilhar.

Fátima»

Numa das espeluncas vive uma mãe solteira, sem trabalho e três filhas. Na outra, uma abandonada com sete filhos. Como é possível, meu Deus! Como é possível que ainda haja gente a proclamar que não há Pobres!

Que os políticos o apregoem. Eles lá têm as suas razões. Agora que também os cristãos digam o mesmo cheira-me a blasfémia. É preciso ser-se cego ou então querer calar o profundo grito da consciência individual era tão fácil se todos nos empenhássemos!

FESTAS

As nossas Festas seguem-se somando êxitos. Não era de esperar outro desfecho, depois de tanto trabalho.

Em Almada esperava-nos uma plateia apinhada de gente nova que não se cansava de aplaudir os rapazes. Os assinantes d'O GAIATO foram os incendiários. Arrastaram os seus amigos e esgotaram a Incrível.

Nas Cabanas fomos recebidos como família. Há muitos anos que é assim, mas desta vez o calor humano e a generosidade ultrapassaram tudo.

Contamos marcar presença em Aveiro, mas não temos ainda data confirmada.

Padre Aclio

MONTIJO — 5 de Junho, **Gimnodesportivo da Escola Secundária nº 10, às 21,30h.**

AMORA — 6 de Junho, **auditério do Centro de Formação Profissional da Cruz de Pau, às 21,30h.**

COSTA DA CAPARICA — 12 de Junho, **Igreja Nova, 21,30h.**

SESIMBRA — 13 de Junho, **Cine-Teatro José da Mota, 21,30h.**

CASCAIS — 20 de Junho, sábado, **Teatro Gil Vicente, 21,30h.**

Grandes jornadas! Às vezes, muita festa e dança ao lado da seara madura e a eira vazia... Ao longe, gemendo, milhões de espigas vergadas até ao chão, por falta de braços e corações disponíveis.

Naquela hora os miúdos da casa-mãe quase todos privados dela ou por ela abandonados, um quadro vivo da seara loirejante. «Tenho dó desta multidão...», gritava, sedento de companheiros, o Mestre. Mas quem vem?

Continuo para o escritório. Ouço passos. Alguém convida ao silêncio. Suavemente. Mãe Isaura tinha chegado.

Veio ela e mais seriam precisas. Mas quem arrisca vir? Assim sem regra que dite caminho nem constituição que defenda direitos. Que dizer dos hábitos e das horas? Eles em cada momento surpreendentes e elas sempre cheias! Vir sem soldo, nem mirando recompensa. Humildemente, para aceitar, que por aqui há muita tarimba com saber feito e experiência sofrida — a marca das coisas grandes. De graça, como manda o Mestre. E como Ele manda, tudo pago: o cêntuplo. Arrisca e vem!

Padre João

Tribuna de Coimbra

Um centenário

Coimbra celebrou o centenário do nascimento de D. Ernesto Sena de Oliveira, o seu Bispo durante vinte anos, vida marcada por muito boas obras.

A primeira cerimónia foi o Pontifical na Sé Nova. A igreja composta de fiéis. Estavam os dois Bispos sagrados por D. Ernesto e vários sacerdotes por ele ordenados. Foi uma cerimónia vivida.

A tarde, o salão do Seminário encheu. Os oradores falaram com o coração, saudade e gratidão. Falou também um dos Padres da Rua. Todos deram acção de graças por este Prelado que foi um grande dom de Deus.

D. Ernesto foi um Bispo muito ligado à Obra da Rua. Recordo o dia em que me ordenou padre e poucos dias depois me deu para servir a Igreja pobre nesta Obra.

A sua ida a Miranda do Corvo benzer e inaugurar a

casa que serve de salas de jantar, cozinha, despensa, balneário e mais, foi um dia todo para os gaiatos e seus amigos.

Transcrevo a reportagem que o repórter fotográfico, vindo do Porto, deixou no álbum que nos ofereceu:

«Três de Setembro de 1953. Aproxima-se a hora... e um automóvel sobe a encosta — Sua Exa. Rev.ma o Senhor Arcebispo de Coimbra está a chegar — sobem os primeiros foguetes.

Pelo caminho, Sua Ex. Rev.ma que irradia simpatia, acarinha um paralítico, pai de dois gaiatos que amanhã vão ser alguém, graças à Obra da Rua.

Padre Américo diz: — Ao Senhor Bispo quero agradecer a sua presença, a sua amizade, o seu auxílio de sempre. Sim! Porque é da Diocese de Coimbra que têm saído todos os Padres para a Obra da Rua. A Obra da Rua precisa de Padres... E eu, em tempos, pensava que sozinho venceria, mas hoje... que já tenho cabelos brancos, vejo que preciso de mais Padres.

A simpática figura de D. Ernesto levanta-se para agradecer a todos e também a Padre Américo. Diz que, na verdade, os Padres para a Obra da Rua têm saído todos da Diocese de Coimbra. Declara a sua simpatia e franca amizade pela Obra do Padre Américo.

E a rir, com riso franco, diz que Padre Américo não dá ponto sem nó. Viera para lhe agradecer e, afinal, pedir-lhe mais um Padre. — Por enquanto não prometo... Veremos!»

No dia 14 de Julho de 1956 Padre Américo, vindo do sul onde tinha ido por causa de um Calvário para doentes e as casas do Património dos Pobres em construção, parou em Coimbra e foi estar com o seu Bispo, com quem falou das dificuldades que a Obra estava a viver. Foi a última conversa de Padre Américo antes do desastre.

Dias depois D. Ernesto desabafou: «Padre Américo esteve a falar comigo, naquela tarde, durante duas horas. Eu tinha a impressão que era um homem poeta. Nesse dia fiquei a saber que ele é um Santo da Igreja do nosso tempo».

Passadas algumas semanas, no fim do almoço em nossa Casa, no patamar das oficinas, tocou-me no braço e fez a todos uma grande promessa: «Para o ano, se Deus quiser, tereis mais um Padre. Conto dar-vos o Padre Acílio.» E deu.

Quando no dia 3 de Janeiro de 1965 a Obra fez vinte

e cinco anos o Senhor D. Ernesto guardou o domingo todo para os gaiatos. De manhã, a Eucaristia e o casamento do professor Carlos Manuel. A tarde foi toda de convívio e festa.

Por deficiência de instalações e necessidades de obras na casa da Diocese que nos servia de Lar, falámos ao Prelado do nosso desejo de construir casa no lugar onde era recreio e garagem. Recebeu-nos de braços abertos e ajudou até ao fim.

Sempre que batemos à sua porta — e foram tantas vezes! — sempre encontramos a porta e o coração abertos.

Deus tenha recebido em Sua Casa o nosso Bispo D. Ernesto. Assim acreditamos.

Padre Horácio

Cada Paróquia cuide dos seus Pobres

Continuação da página 1

pelo menos, de alguém responsávelmente comprometido na vida da comunidade e não apenas que a tradição se cumpra, como acontece, às vezes, mais folclórica do que prene de sentido pastoral. Isto exigirá certamente uma revisão desta prática, tão de conservar onde ganhou raízes e na verdade muito querida pela devoção popular.

A Páscoa é o tempo da Vida que venceu a morte. E há ainda, em quase todas as comunidades, tantas espécies de morte. «tantas situações

que clamam ao Céu» e reclamam dos homens que lhes apliquem o remédio da Ressurreição! E o remédio aí está: Cristo que «veio estabelecer a morada de Deus entre os homens, (...) Ele próprio Deus-com-eles, (...) para lhes enxugar dos olhos todas as lágrimas, (...) para que não haja mais morte nem luta nem clamor nem fadiga — para que se cumpra a Sua palavra: 'Vou renovar todas as coisas'. Esta a profecia do Livro do Apocalipse lida neste quinto domingo depois da Páscoa. Como primeiro tínhamos lido, dos Actos dos Apóstolos, a consumação deste anúncio no relato da *visita pascal*, de Antioquia a Antioquia por muitas outras terras, em que Paulo e Barnabé «contaram tudo o que Deus fizera com eles e como Deus abriu aos pagãos a porta da fé». Deus é Quem faz a renovação de todas as coisas, também das «situações que clamam ao Céu». Fá-lo... com os homens. Destes, apenas se necessita a coerência da fé e a coragem de dar as mãos. Quando estas disposições são realidade, a renovação é facto consumado.

Nas semanas seguintes à Páscoa a Liturgia apresenta-nos a figura do Bom Pastor — outra ocorrência a dar sentido à *visita pascal*. O Bom Pastor anda, acompanha as suas ovelhas, guia-as a prados verdejantes, defende-as do lobo deprimador, procura, até a encontrar, a que se perdeu. É uma figura eminentemente dinâmica.

Bom pastor é aquele que sai, certo de que o Mestre vai com ele, a realizar Ele, com o discípulo, a esperada renovação.

Quem sai ao caminho com este espírito, vê «situações que clamam ao Céu» e acredita que elas têm remédio e lança-se a remediá-las. «Após o encontro e em silêncio... foi que o nosso correspondente empreendeu remediar. «Lembrei-me de bater à vossa porta... Terá de bater em muitas outras e primeiro que todas no seu coração de pastor. Mas já bateu! O Bom Pastor, O que verdadeiramente realiza, Esse está sempre pronto a agir. Portanto já não falta nada. Mais um tempo, um *compasso* de tempo, e os dois jovens casais vão ter as «duas telhas por que anseiam», assim eles próprios entreguem o seu coração e as suas mãos Àquele que «quer renovar todas as coisas!»

Visita ressuscitante, esta — verdadeira *visita pascal*.

Padre Carlos

MALANJE

Cartas de Amigos

Cá tão longe, têm um gosto a mel as cartas dos Amigos! Têm sido muitas! Quando há correio, não se pode explicar a consoladela; só sentindo. Vejam a deste português malanjinho que vive no Barreiro e morre de saudades:

«Sim, nasci e vivi a minha juventude em Malanje, terra linda e de tão boa gente... Sempre que aos fins-de-semana saíamos de casa, invariavelmente o destino era fazermos um *pic-nic* na Casa do Gaiato. Que maravilha, que paz! E a beleza da lagoa!...

Queira Deus um dia eu possa rever tudo!

Gostava muito de vos ajudar. Como fazer? Prefiro eu, minha esposa e filhos, em vez de dez termos oito pães, mas ajudar alguém.

Irmãos malanjinhos, cantemos de alegria e louvor ao Senhor.» — Osmar Moreira.

Não direi em vez de dez, oito... Mas, em vez de brincos caríssimos; em vez de bugigangas inúteis; em vez daquilo que se estraga, escandalosamente.

E esta, duma Criadita dos Pobres:

«Muito me tenho lembrado dos Pobres dessas zonas! Quem me dera no meio deles para os acompanhar na sua caminhada. Só Deus sabe dos Seus planos. Entretanto, creio que Ele nos vai levar para África. Que a nossa fundadora interceda para que seja uma realidade.»

Que forma mais bela e grandiosa de celebração do seu centenário! E vós tendes o dom de saber encontrar e de saber ir ao Pobre.

Regresso

Agora, as nossas notícias:

O Quim e o Júlio da Silva regressaram a Portugal. Cumpriram, maravilhosamente, a sua missão. Pronta a casa-mãe, a seguir à Páscoa começámos a habitá-la. Ficou restaurada a linha de alta tensão. Temos energia e água.

Uma palavrinha de amizade e gratidão à Joaquina e Elisa pelo sacrifício que lhes causou o *roubo* dos maridos. Tudo o que é pela Obra da Rua — em direcção aos nossos rapazes — é maravilhoso e belo ao olhar de Deus e dos homens.

Ajuda valiosa

O grupo dos nossos gaiatos deu, igualmente, uma ajuda valiosa.

Na lavoura, com o Joãozinho à frente, temos já um grande campo de mandioca, outro de feijão e outros de batata doce.

A lagoa encheu. Faz-nos falta um barco a remos para recreio das crianças. Se algum Amigo quiser oferecer, pode enviar para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

«Peça uma máquina de café» — levantou-se aqui, a meu lado, uma voz atrevida... Não façam caso. Ou façam... Foi uma voz bem cristalina.

A todos os nossos Leitores e Amigos um abraço muito amigável de todos nós.

Padre Telmo

ECOS D'ÁFRICA

Continuação da página 1

sempre O GAIATO de ponta a ponta e agora com redobrado interesse pela acção que estão a desenvolver entre as crianças dos martirizados países de Angola e Moçambique».

Há uma verdadeira corrente de vida entre os leitores e quem escreve. Há sintonia que chega aos pormenores: «O que estais a fazer em Angola e Moçambique vai ser muito difícil, mas não impossível... Vai a minha pequenina participação porque não posso mandar mais». Sempre a mesma nota a marcar as presenças. Quanto maiores são os projectos, mais *pequeninas* são as ajudas. É bom sinal. Descobre-se o dedo de Deus onde a desproporção se revela grande demais. Assim: «Venho, por intermédio desta, juntar uma *pequenina* oferta para ajuda das despesas com a reabertura das Casas do Gaiato em Angola e Moçambique, que representa um grande esforço em todos os aspectos». E é verdade! Não fosse a certeza que nos vem da experiência de vida da Obra da Rua, como seria possível tão grande esforço? Confiamos que não há-de ser por falta de bens materiais que a Obra da Rua deixará de se realizar.

Esperamos continuar a dar-vos notícias a partir da Casa do Gaiato de Benguela — C.P. 820 — Benguela — Angola.

Padre Manuel António

Notícias de Moçambique

Ser Mãe

Ser Mãe para quem não a tem. Quanta alegria no meu coração de mulher sentir-me Mãe! Sexta-feira fui à cidade fazer compras e, como sempre, inúmeros caminhos a percorrer. Já era quase noite quando conseguimos resolver tudo. De volta a casa, uma grande surpresa: os rapazes ansiosos gritavam: — Mamã!... Mamã!... Fiquei emocionada diante do carinho de todos, e comeci a reflectir no que é ser Mãe.

Há dias, o Alfredo, Rui Miguel e o Marcos com saudades dos amigos da rua resolveram passear... Saíram... Que aflição! Três dias depois voltaram cheios de fome, sujos e doentes. Pergunto: — O que vieram fazer? O Rui Miguel olhando triste, diz: «Viemos para nossa Casa». Entraram para o refeitório e todos gritaram de alegria pela volta dos irmãos. Para mim foi um dia de alegria. Sinto-os

como filhos. Ficámos muito tempo à mesa, a conversar. Eles a contar do que viveram, sofreram e praticaram. O Alfredo dizia contente: «Conseguimos muito dinheiro, seis mil meticais. Queríamos trazer para casa, mas sentimos fome...» Acrescentou ainda: «Um grande queria roubar as minhas botas e jaqueta, mas rezei e disse: — Leva lá as tuas coisas». Eles sentiam tanta alegria que não paravam de falar!

Neste mês de Maio, mês de Nossa Senhora Maria Santíssima, que Ela nos ajude e muitas senhoras possam abrir o coração aos apelos de Deus para ajudarem aqueles que não têm Mãe. Aquelas que já fazem esta tarefa, que a Mãe do Céu lhes dê cada dia mais perseverança e dedicação.

Quitéria Torres



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp. Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239